

DOI: 10.22476/revcted.v8.id559

ISSN: 2447-4223

POLIFONIAS TEORICOMETODOLÓGICAS EM PESQUISA FORMAÇÃO NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Camila Petrucci Rosa¹

 <https://orcid.org/0000-0001-8428-444X>

UNICAMP, Faculdade de Educação, Departamento de Educação, Campinas, São Paulo, SP, Brasil

Dayse Fontenelle²

 <https://orcid.org/0000-0001-5113-9596>


UERJ, Faculdade de Formação de Professores, DEDU, São Gonçalo, RJ, Brasil

Inês Ferreira de Souza Bragança³

 <https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>

UNICAMP, Faculdade de Educação, Departamento de Educação, Campinas, São Paulo, SP, Brasil

Juliana Godói de Miranda Perez Alvarenga⁴

 <https://orcid.org/0000-0002-7144-2821>

UERJ, Instituto Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), Departamento de Ensino Fundamental, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

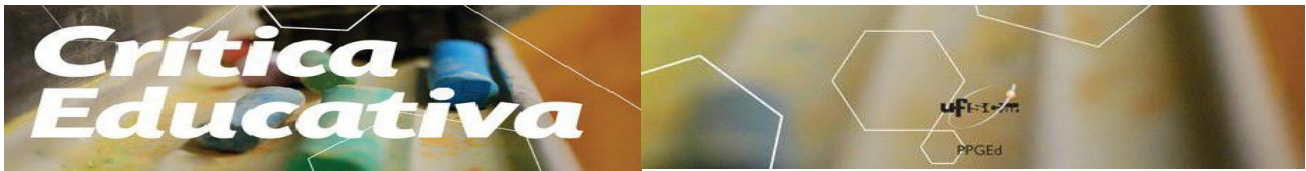
Submetido em: 12/12/2021	Aceito em: 29/12/2022	Publicado em: 30/12/2022
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

¹ Mestranda da Faculdade de Educação da Unicamp, pelo GEPEC/Polifonia. Professora da Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de Campinas Endereço para correspondência: Rodovia Professor Zeferino Vaz, Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária, Campinas - SP, 13083-865. E-mail: cpetruccirosa@gmail.com.

² Professora de História da rede Municipal de Niterói e da rede Estadual do Rio de Janeiro. Doutoranda em Educação (FFP/UER) e integrante do grupo interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia (UERJ/ UNICAMP). Endereço para correspondência: end. Lot. Jardim Figueira, 88 - Caramujo, Niterói - RJ, 24141-185. E-mail: daysefontenelle@gmail.com.

³ Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Vice-presidente da Biograph e coordenadora do Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia. Endereço para correspondência: Rodovia Professor Zeferino Vaz, Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária, Campinas - SP, 13083-865. E-mail: inesfsb@unicamp.br.

⁴ Professora Assistente do Departamento de Ensino Fundamental da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) e Doutoranda em Educação (CCE/ UFF); Integrante dos grupos de pesquisa: Currículo, Docência e Cultura (CDC/UFF) & Grupo interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia (UERJ/ UNICAMP). Endereço para correspondência: R. Barão de Itapagipe, 96 - Rio Comprido, Rio de Janeiro-RJ, 20261-005. E-mail: juliana.alvarenga@uerj.br/ julianagodoym_perez@hotmail.com



Resumo

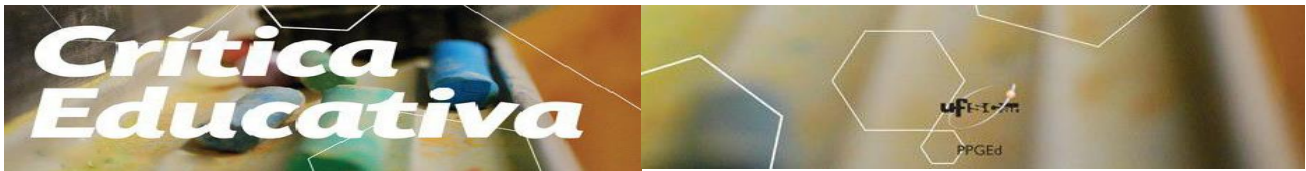
O presente artigo partilha movimentos *teoricometodológicos* em contextos de *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica tecidos pelo Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia. As temáticas trabalhadas pelo grupo envolvem a formação docente inicial e continuada, em suas concepções, práticas e políticas, destaca-se, ainda, o vínculo com os estudos nos/dos/com cotidianos escolares, em *pesquisaformação* vividas no *entrelugar* escola e universidade. Revisitando as dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso e teses em desenvolvimento, encontramos autores e conceitos charneira que nos acompanham e inspiram em modos outros de pesquisar e formar em partilha, aliando vida e docência. Ao partilhar algumas discussões e conceitos que permeiam os trabalhos do grupo, chamamos alguns autores que nos inspiram e movimentam nossas reflexões; dentre eles trazemos para o diálogo o conceito de narrativa em Walter Benjamin, de tessitura da intriga em Paul Ricoeur e de paradigma indiciário em Carlo Ginzburg. As contribuições benjaminianas presentes nas pesquisas polifônicas permitem uma articulação entre as narrativas e os cotidianos, os quais encontram-se em consonância com uma racionalidade estética. Os caminhos de compreensão das fontes narrativas são tematizados em diálogo com Ricoeur, na discussão do tempo narrado, como um tempo das ciências humanas, no qual vemos a narrativa como algo que se desdobra em nós. Olhar para as narrativas como fontes de natureza sensíveis, as quais são compostas por sujeitos que também se modificam, permite-nos articular estas com o círculo mimético que se abre para novas possibilidades e interpretações, entendendo as pesquisas narrativas como um campo no qual não há uma neutralidade e, sim, uma relação hermenêutica. E com Ginzburg trazemos notas para pensar nos indícios e vestígios deixados em nossas pesquisas, a partir das interpretações possíveis em diálogo com o paradigma indiciário. Finalizamos com uma reflexão sobre as contribuições dos autores em uma tematização que articula viver, pesquisar, narrar e formar.

Palavras-chave: Pesquisa; Formação; Narrativas (auto)biográficas.

THEORETICAL METHODOLOGICAL POLYPHONES IN NARRATIVE (AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH

Abstract

This article shares theoretical-methodological movements in contexts of narrative (auto)biographical research formation woven by the Interinstitutional Group for Polyphony Formation Research. The themes worked on by the group involve initial and continuing teacher education, in their conceptions, practices and policies, and the link with studies in/of/with daily school life, in research-formation lived between school and university, stands out. Revisiting dissertations, monographs, course completion works and theses in progress, we find authors and key concepts that accompany and inspire us in other ways of researching and training in sharing, combining life and teaching. By sharing some discussions and concepts that permeate the group's work, we call on some authors who inspire us and move our reflections; among them, we bring to the dialogue the concept of narrative in Walter Benjamin, the leasing of intrigue in Paul Ricoeur and the evidential paradigm in Carlo Ginzburg. The Benjaminian contributions present in polyphonic research allow an articulation between narratives and everyday life, which are in line with an aesthetic rationality. The ways of



understanding the narrative sources are thematized in a dialogue with Ricoeur, in the discussion of narrated time, as a time of the human sciences, in which we see the narrative as something that unfolds within us. Looking at narratives as sources of a sensitive nature, which are composed of subjects who also change, allows us to articulate these with the mimetic circle that opens up to new possibilities and interpretations, understanding narrative research as a field in which there is no a neutrality and, yes, a hermeneutic relationship. And with Ginzburg, we bring notes to think about the signs and traces left in our research, based on possible interpretations in dialogue with the evidential paradigm. We end with a reflection on the authors' contributions in a theme that articulates living, researching, narrating and training.

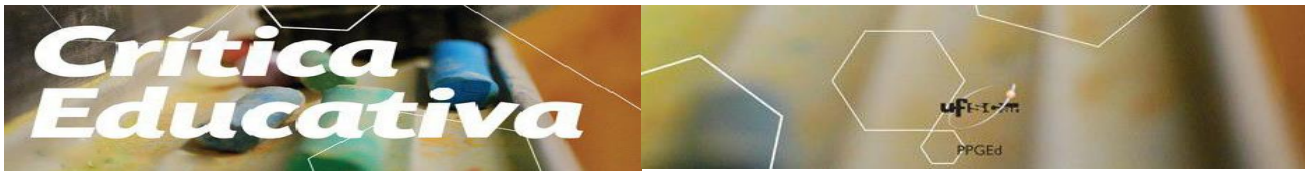
Keywords: Research; Training; (Auto)biographical narratives.

POLIFONÍAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS EN LA INVESTIGACIÓN NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Resumen

El presente artículo comparte movimientos teóricos y metodológicos en contextos de investigación y formación narrativa (auto)biográfica tejida por el Grupo Interinstitucional de Formación en Investigación Polifónica. Los temas trabajados por el grupo involucran la formación inicial y continua del profesorado, en sus concepciones, prácticas y políticas, y el vínculo con los estudios en/de/con la vida cotidiana escolar, en la formación-investigación vivida entre la escuela y la universidad. Repasando disertaciones, monografías, trabajos de conclusión de cursos y tesis en desarrollo, encontramos autores y conceptos claves que nos acompañan y nos inspiran en otras formas de investigar y formar en compartir, compaginar vida y docencia. Al compartir algunas discusiones y conceptos que permean el trabajo del grupo, hacemos un llamado a algunos autores que nos inspiran y mueven nuestras reflexiones; entre ellos, traemos al diálogo el concepto de narrativa en Walter Benjamin, el tejido de intriga en Paul Ricoeur y el paradigma probatorio en Carlo Ginzburg. Los aportes de Benjamin presentes en la investigación polifónica permiten una articulación entre las narrativas y la cotidianidad, que están en consonancia con una racionalidad estética. Los modos de entender las fuentes narrativas son tematizados en diálogo con Ricoeur, en la discusión del tiempo narrado, como tiempo de las ciencias humanas, en el que vemos la narración como algo que se despliega en nosotros. Mirar las narrativas como fuentes de naturaleza sensible, que están compuestas por sujetos que también cambian, nos permite articularlas con el círculo mimético que se abre a nuevas posibilidades e interpretaciones, entendiendo la investigación narrativa como un campo en el que no existe una neutralidad y, sí, una relación hermenéutica. Y con Ginzburg, traemos apuntes para pensar los signos y huellas dejadas en nuestra investigación, a partir de posibles interpretaciones en diálogo con el paradigma de la evidencia. Finalizamos con una reflexión sobre los aportes de los autores en un tema que articula vivir, investigar, narrar y formar.

Palabras clave: Investigación; Formación; Narrativas (auto)biográficas.



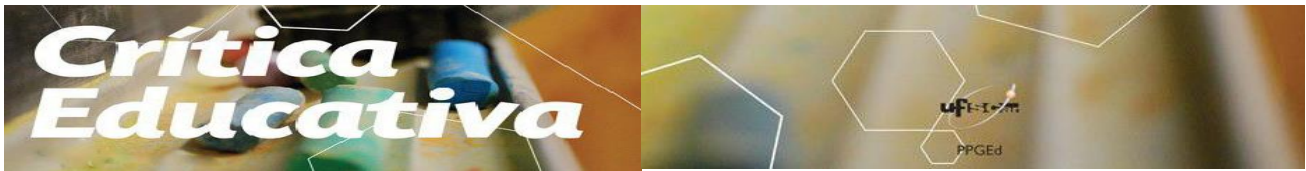
Vozes polifônicas: uma nota inicial

O presente artigo partilha diálogos *teoricometodológicos* tecidos pelo grupo Polifonia. O termo polifonia é formado pelos vocábulos “*poli*” (muitos) e “*fonía*” (relativo ao som, voz). Ao nomear o grupo interinstitucional, vinculado à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), de Polifonia, buscamos visibilizar a escuta de vozes plurais e os movimentos coletivos produtores de conhecimentos, de saberes e fazeres na escola básica e na universidade, em espaços-tempos de formação inicial e continuada de professoras e professores.

Entre as várias partilhas que compõem as dinâmicas de pesquisa e formação, desde o ano de 2007, o Polifonia vem produzindo monografias, dissertações e teses no campo da pesquisa em educação. Atualmente, são vinte e duas monografias concluídas, sendo doze delas produzidas com vínculo à FFP/UERJ e dez pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Também foram produzidas sete monografias na pós-graduação em Gestão Escolar pela FFP/UERJ e nove dissertações de mestrado, três pela FE/UNICAMP e seis pela FFP/UERJ. Além disso, há outras teses, dissertações e monografias que estão em andamento, as quais também trazem alguns dos caminhos e pistas que têm sido percorridos pelo grupo Polifonia.

Revisitando a referida produção, encontramos autores e conceitos charneira que nos acompanham e inspiram em modos outros de pesquisar e formar em partilha, aliando vida e docência. Dentre tantas pesquisas que dialogam com as abordagens *teoricometodológicas* que compõem a polifonia do grupo, vale destacar a importância do conceito de narrativa em Benjamin (1993), de tessitura da intriga em Ricoeur (2010a, 2010b, 2010c) e de paradigma indiciário em Ginzburg (1989). As temáticas trabalhadas pelo grupo envolvem a formação docente inicial e continuada, em suas concepções práticas e políticas. Destaca-se, ainda, o vínculo com os estudos nos/dos/com cotidianos escolares, em *pesquisasformação* vividas no *entrelugar* escola e universidade.

Os trabalhos tecidos em diálogo com os autores apontam para sentidos imbricados e narrados, vozes que escovam a história a contrapelo, evidenciando traços da cultura hegemônica que se faz audível por nós dia após dia. Com eles, somos capazes de trazer a emergência de valores, prismas, quebras, dúvidas, coerências e incoerências, que são encontradas no âmbito da produção de conhecimento. Procuramos a comunicabilidade de experiências de vida e formação, com suas tensões,



encontros, deslocamentos e rupturas que os conhecimentos escolares e científicos podem ou não nos trazer. Ao discorrer sobre algumas discussões e conceitos que permeiam os trabalhos do grupo Polifonia, abordamos também reflexões acerca da importância de considerarmos a indissociabilidade entre pesquisar e formar, ou seja, em um movimento de *pesquisaformação*.

Pela inserção geográfica e por ser um grupo interinstitucional, o Polifonia está imerso em diferentes contextos no que se diz respeito tanto às próprias histórias de vida-formação de seus pesquisadores, como também em relação aos contextos educacionais em que nos encontramos, em diferentes regiões do nosso país⁵ e em distintas atuações profissionais nas áreas de ensino e aprendizagem⁶.

Os diversos estudos das pesquisas concluídas e em desenvolvimento do grupo apontam para esse singular-plural (JOSSO, 2010), na perspectiva de que as histórias, uma vez narradas, expressam experiências que também são coletivas. Buscamos uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, com sua polifonia *teoricometodológica* em diálogo com as histórias de vida-formação, atravessadas por dimensões históricas, sociais, políticas, éticas e estéticas nas narrativas (com)partilhadas.

Nas próximas seções deste artigo, chamamos para conversa autores e conceitos que nos inspiram e movimentam reflexões.

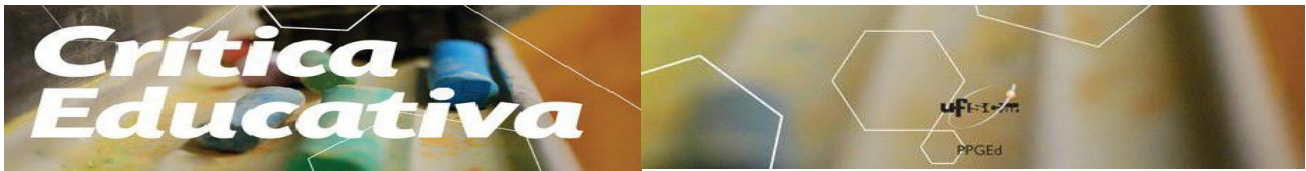
A arte benjaminiana de narrar em nossas pesquisas

Uma das companhias do nosso coletivo desde o seu nascedouro, e que também faz parte das discussões dos grupos que nos abrigam, é o autor alemão Walter Benjamin. Ao longo de toda sua trajetória, Benjamin busca nos apresentar um novo sentido para as obras literárias e artísticas, envolvendo sempre o caráter reflexivo, crítico, estético e poético.

Nossas pesquisas se apoiam em Benjamin, trazendo essa perspectiva para a compreensão da escola, bem como da narrativa, o que faz com que seja possível escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1994a). Nesse processo, encontramos imagens, histórias, acontecimentos e sentidos que não são contados quando pensamos nas grandes narrativas históricas, que se sobrepõem em uma

⁵ Nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Pará e Maranhão e nas cidades de São Gonçalo, Niterói, Rio de Janeiro, Itaboraí, Campinas, Jundiaí, Ilhabela, Caxias do Maranhã, Altamira.

⁶ Docência na educação básica, em suas diversas etapas, e no ensino superior, coordenação e direção escolar, técnicos em assuntos educacionais.



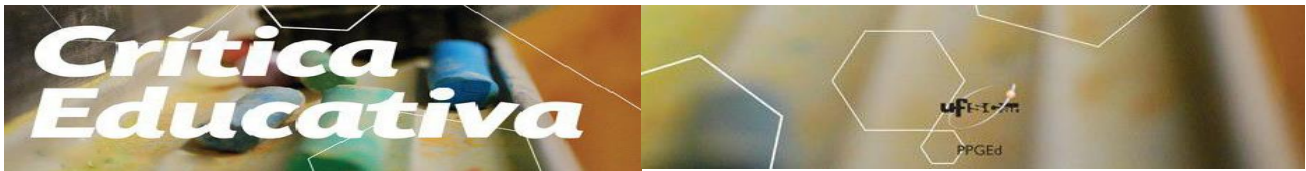
linearidade, em um começo, meio e fim. Na escola, essa linearidade da história dos vencidos é cotidianamente tensionada a saberes e fazeres que estão em nossa sociedade no tempo de agora. Ao contar histórias que vivemos, sabemos e sentimos sobre e com os contextos educacionais, passamos a exprimir nossa condição histórica, a partir de uma re-existência (VARANI, 2005) em relação à pobreza de experiência a qual a modernidade capitalista tem vivenciado. Portanto, narrar as histórias que cercam o cotidiano escolar pode soar antiquado, devido à perda progressiva da comunicabilidade da experiência e à ascensão contemporânea da informação.

Observamos a inspiração dos estudos de benjaminianos no desdobramento da pesquisa de dissertação de Liliam Ricarte de Oliveira, defendida no ano de 2020. Ao narrar seu trabalho de *pesquisaformação*, a autora se propõe a buscar autores que dialoguem com os sentidos de sua experiência como docente das infâncias. Nesse exercício, o sentido da experiência contido é atravessado pela produção artesanal de sua atuação no magistério e na concepção do ato de narrar (BENJAMIN, 1994a). O ato de narrar que está coligado com o pressuposto da formação desta professora. Segundo ela:

Posso dizer então que essa pesquisa se construiu a partir de dois grandes movimentos que se retroalimentaram: a escritura da experiência e a experiência da escritura. Era no ato da escrita que produzia entendimentos, percepções e aprendizagens sobre as escolhas e os caminhos que segui enquanto professora, sobre como ia me constituindo professora no exercício da profissão docente, na escola, com as crianças e demais pessoas que estão na escola, com a escrita que fiz ao longo de toda minha trajetória como professora. E porque essa escritura me formava e transformava o modo como continuava a me relacionar com a pesquisa, ela própria se constituía como experiência. Como Walter Benjamin (1994) e Jorge Larrosa (2019), entendo a experiência não pelo acumulado de vivências pelas quais passamos ao longo de uma vida, mas como aquilo que nos acontece de tal maneira que nos modifica, nos transforma. (OLIVEIRA, 2020, p. 23)

É sobre o tecido construído no sentido de *viverpesquisarnarrarformar* (BRAGANÇA, 2016) que a autora busca que consigamos compreender as questões que a mobilizam não só como pesquisadora do campo educativo, como também, enquanto pessoa.

Esses elementos nos ajudam a pensar que, na atualidade, quase nada que acontece está a serviço da narrativa, e sim, da informação, a qual só tem valor no momento que é nova, que se explica no próprio acontecimento. Muitas vezes, pensamos que há a necessidade de termos informações e o acúmulo delas, pois “[...] a razão é que nenhum fato mais nos atinge sem estar cercado de explicações” (BENJAMIN, 2018, p.28). Os episódios narrados, por sua vez, atingem uma dimensão que não

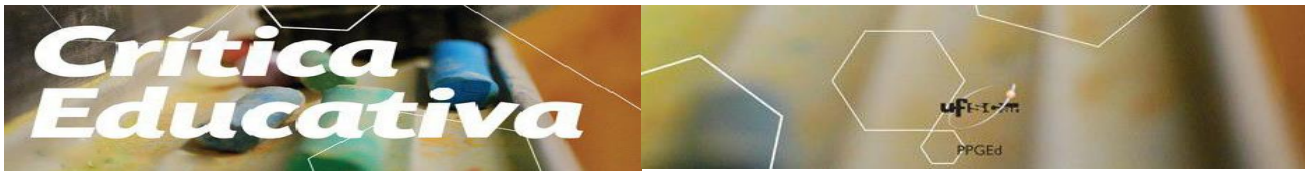


encontramos nas informações, eles não entregam, não explicam e sim, conservam suas forças, sendo capazes de se desenvolver depois de muito tempo (BENJAMIN, 1994a). As narrativas e o trabalho com a pesquisa narrativa propõem uma (trans)formação, pois falam de memórias que são pessoais e, ao mesmo tempo, coletivas, falam de um nós na relação com os que nos constituem, imbricam "[...] figuras diversas, espaços diversos e tempos diferentes, numa lógica temporal, nada linear, não etapista, não progressista, que vai do presente ao passado, e do passado ao presente" (GALZERANI, 2012, p. 59).

Ao contar histórias, há também uma arte tanto de contar, como de ouvir. A arte de narrar experiências – *Erfrahrung*, como nos diz Benjamin (1994a) – traz dimensões do tempo e espaço que estão dentro das relações sociais, que nos vinculam a nós quando comunicáveis. Conforme as narrativas vão sendo comunicadas, a narradora, tal como o oleiro em contato com a argila, entra em uma relação corpórea com a própria criação (BENJAMIN, 1994a). Essa relação que vai sendo tecida com as narrativas possibilita que experiências sejam comunicáveis, não no sentido de transmitir "o puro em si", mas no sentido de se encontrar e se colocar em um discurso que pode ser intuitivo, o qual traz e comunica dimensões humanas que são tecidas para além da racionalidade instrumental. Ir além de uma racionalidade instrumental por meio das narrativas é questionar e subverter a hierarquização dos saberes, os arcabouços metodológicos que se fundamentam em práticas globalizantes e homogeneizadoras, mecânicas e distantes das experiências, que fazem com que dimensões temporais e espaciais das relações humanas sejam apagadas. Ao buscar este afastamento de uma racionalidade instrumental, passamos a entender que somos seres que têm dimensões conscientes e inconscientes e, assim, nos aproximamos de uma racionalidade estética a qual vai

[...] permitindo a explicitação de pontos de vista e não pontos fixos, a imbricação de racionalidade e de sensibilidades, transformando os tempos perdidos em tempos redescobertos, conferindo a cada experiência, historicamente revisitada, a verdade que lhe é própria na relação com os desafios educacionais do presente. (GALZERANI, 2008, p. 25-26)

É justamente pensando nos desafios educacionais que temos no presente, que o grupo Polifonia encontra-se com a pesquisa narrativa (auto)biográfica em um movimento horizontalizado, emancipatório e humanizado. Assim, defendendo as narrativas no campo de produção de conhecimentos educacionais, compreende-se também que este processo, essa arte de narrar, não se



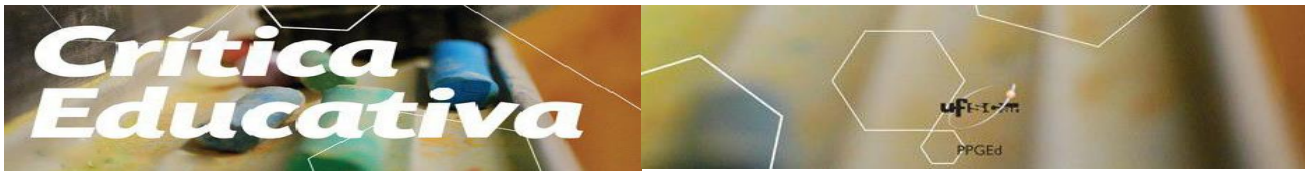
dá de forma intuitiva. Para isso, compõe-se uma tessitura da intriga e, assim, o diálogo com Paul Ricoeur se faz fundamental.

A possibilidade de compreensão das fontes narrativas na companhia de Ricoeur

Outro autor que nos tem acompanhado neste caminho coletivo é Paul Ricoeur, especialmente sua obra *Tempo e narrativa* (2010a, 2010b, 2010c). Nessa obra, Ricoeur apresenta sua concepção do que são as narrativas históricas, de ficção e humana, e nos ajuda a entender os vieses presentes ao dialogarmos com o tempo narrado no campo das ciências humanas. É importante sinalizar que esse autor nos apresenta um ponto de vista acerca da produção da narrativa como fonte textual. É o momento de contato com o mundo do texto, da pesquisa e das nossas narrativas presentes nas pesquisas acadêmicas, que faz com que seja possível a produção de novos sentidos para as próprias pesquisas em andamento. Este movimento é vivido por nós na leitura e interpretação (com)partilhada de narrativas (auto)biográficas dos autores/as e coautores/as das nossas pesquisas e nos encontros de orientação coletiva, com os momentos de troca ao ler o texto dos/as integrantes do coletivo desse grupo de pesquisa.

Em sua obra, Ricoeur apresenta ao leitor as possibilidades de tomar a narrativa como algo que, ao ler, se desdobra em nós, e nos faz pensar sobre a envergadura promovida no sujeito ouvinte/leitor ao deparar-se com o ato de narrar. Esse processo não se dá de forma intuitiva, e sim mediante a inteligibilidade com as suas memórias. Ele defende que nós tecemos uma intriga ao narrar, evidenciando duas identidades que dialogam no processo: nossas *identidades idem* e *ipse* (RICOEUR, 2010c, p. 419). A identidade *idem* é a identidade em sentido mais permanente, fixo, como nos reconhecemos com o passar do tempo, vinculada às histórias e às memórias. Sob a perspectiva da identidade *ipse*, estamos ligados ao processo de existir. Existir é a ação consciente do ser no mundo. Desse modo, esta última se liga ao momento, com a resposta atual que expressa, como se reconhece no mundo naquele momento e nas suas mudanças.

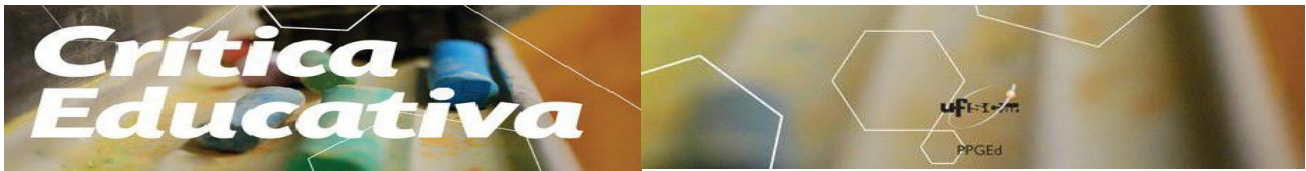
Assim, podemos entender que não é possível uma narrativa de um sujeito que não se modifica, pois a identidade do narrador/narradora também não é fixa, como também está ligada a tipos de narrativas, tais como: as narrativas históricas, as narrativas de ficção e as narrativas do ser.



As relações entre as aporias do tempo e as construções narratológicas se implicam na identidade narrativa. Então “[...] ela concerne à *irrepresentabilidade* última do tempo, que faz com que a própria fenomenologia não cesse de recorrer a metáforas e desenvolver a palavra mito para expressar que o surgimento do presente quer o escoamento do fluxo unitário do tempo” (*Ibidem*, p. 414, grifo do autor).

Neste sentido, a identidade narrativa desenvolvida ao narrar é composta por duas identificações: a *mesmidade* (identidade-*idem*) e a *ipseidade* (identidade-*ipse*). A *mesmidade* é a identidade que corresponde à questão: quem sou eu? (gênero, profissão etc.), em consonância com as relações que descrevem o ser; a *ipseidade* é a identidade que responde à concepção “o que sou?”. Nesse sentido, a *ipseidade* está ligada ao processo de refletir sobre si em relação com o tempo, ampliando a identidade como fato variável no processo de tessitura da narrativa (RICOEUR, 2012). O pesquisador reelabora sua narrativa de si ao encontrar com as fontes narrativas presentes em nossas pesquisas, ancorados no movimento (auto)biográfico. Assim, não é possível pensar que exista esta dicotomia de pesquisador e pesquisado, ambos estão em relação recíproca para a construção da tessitura da intriga, na qual no momento da conversa com as fontes teórico-metodológicas e com as fontes narrativas produzidas pelas pesquisas, acionamos as identidades *idem* e *ipse* para, assim, apresentar uma identidade narrativa (RICOEUR, 2010c, p. 440) deste ser pesquisador no tempo, elencando acontecimentos do passado no presente e refletindo os caminhos adotados para um projeto de futuro.

Assim, as visões presentes sobre narrativas em Ricoeur e Benjamin coabitam em diálogo no interior das pesquisas do coletivo. Um exercício possível são as mimesis ricoeurianas que tomam a ação da produção das narrativas como algo construído e reelaborado. Este momento foi desenvolvido por Thais Motta (2019) em sua dissertação. O sentido de interpretar com os produtores das narrativas escritas faz com que compreendamos os sentidos da pesquisa em todos que estão em diálogo na produção desta fonte. Com isso, temos as mimeses ricoeurianas (2010a) da pré-figuração, configuração e refiguração. Podemos vislumbrar, também, na forma de mimeses como a apresenta o autor, que as três mimeses se dividem nos seguintes processos: mimese 1 – o momento de mobilização das memórias que conversam com as questões apresentadas; mimese 2 – a elaboração das narrativas de forma escrita e a produção do texto de escrita narrativa; mimese 3 – o processo de leitura e os



sentidos possibilitados neste movimento. No trabalho com as mimesis ricoeurianas, foi possível compreender que:

[...] os estudos de Ricoeur auxiliam-nos a perceber a existência da necessidade humana de compreensão do próprio fazer, o qual expressa-se, por meio da narrativa das experiências. Ao defender que o sujeito é mediado por suas obras, documentos, textos, Ricoeur desenvolve uma teoria hermenêutica em que a metáfora e a narrativa são vistas como formas de criação de significados novos na linguagem. No contexto educativo, as narrativas pedagógicas sobre as práticas do cotidiano docente. E esta necessidade humana de partilhar a experiência para compreendê-la melhor, para tomar novos rumos, propor novos fazeres, é o motor da formação. Fazer melhor o que já se faz. (MOTTA, 2019, p. 115)

Como não há neutralidade nas pesquisas de cunho narrativo, a mimese 3, ao mesmo tempo em que fecha o círculo mimético em sua produção, abre-se para uma nova possibilidade, com novas interpretações. Neste movimento circular, de retroalimentação, podemos dizer que, ao ler as fontes narrativas de nossas pesquisas, nos abrimos a um novo momento hermenêutico interpretativo com os outros presentes no mundo do texto (RICOEUR, 2010b). Essa ação hermenêutica tem sido experimentada por vários participantes no interior de nosso coletivo, não só com fontes textuais – tais como em escritos de diários de itinerância, cadernos, mônadas – como, também, com fontes orais, por meio do processo das *entrevistas conversas* (BRAGANÇA, 2016).

As aporias do tempo presentes na identidade narrativa não estão contidas apenas nas narrativas que dialogam com as pesquisas, mas também na abordagem teórica dos autores que nos acompanham, pois também perspectivamos os vestígios, rastros e sinais deixados pelas narrativas no tempo histórico no qual estão imersas. Desse modo, outro autor que se faz relevante na apresentação dos trabalhos é Carlo Ginzburg.

O paradigma indiciário: notas de um saber olhar para os rastros...

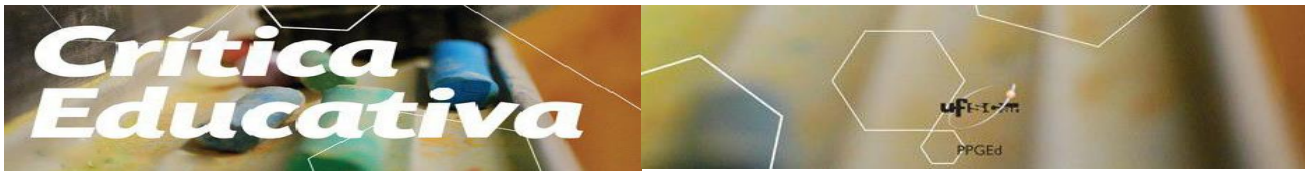
Ginzburg entra nos estudos do coletivo polifônico através do viés da história. Sua matriz derivada dos estudos da escola dos Annales, no século XIX, faz emergir, no âmbito das ciências humanas, um modelo epistemológico do paradigma indiciário. O historiador italiano é filho de intelectuais ligados à área da literatura, que se dedicaram intensamente ao ativismo político. Pertence a uma geração de estudiosos marcados pela relação existente entre discurso, poder e sociedade. Ele é considerado um intelectual inovador por introduzir diversas rupturas nas formas de pensar em História. Sua pesquisa se desenvolve no *espaçotempo* das heresias e cultura das classes subalternas



no final da Idade Média e início da Idade Moderna. Esse campo de pesquisa possui forte tradição na Itália e se caracterizou pela atenção minuciosa aos detalhes, ao estudo de casos e à análise do processo incriminatório dos envolvidos. Assim como as narrativas ganham força nos estudos do século XX, podemos observar que o deslocamento das escolas históricas nos possibilitou esse movimento de propor novas formas de tomar as pesquisas.

Ginzburg faz esse deslocamento no campo da história quando em vários artigos dialoga sobre pinturas italianas assinadas por um “estudioso russo”, Ivan Lermolieff/Johannes Schwarze/ Giovanni Morelli, todos são na verdade a mesma pessoa, que propunha novo método (morelliano) de atribuição de autenticidade de obras de arte. O método defendia que o observador não deveria basear sua análise nas características mais vistosas presentes na obra, e sim, nos pormenores negligenciáveis, menos influenciados pelas características da escola do pintor (unhas, pés, orelhas, etc). O autor destaca em suas pesquisas novos objetos de estudos, tais como: os paradigmas do conhecimento, a reflexão sobre métodos e a valorização em todos os seus trabalhos dos fenômenos marginais, protagonizados pelos pequenos e pelos excluídos. Ele introduz uma nova forma de escrever a história a partir das microanálises de casos muito bem delimitados e que por meio do intenso escrutínio revelam as suas relações com uma escala geral. Esse modo de compreender os fenômenos históricos colocou em questão muitas das ideias formadas sobre a noção de mentalidade coletiva e a relação passiva e de sentido único entre a cultura dominante e a dos grupos subalternos.

Carlo Ginzburg, em sua formação, é influenciado por vários autores, dentre eles: Antônio Gramsci, quando faz a opção por analisar os sujeitos marginalizados e as suas produções culturais (cultura popular); Paul Ricoeur e Hans-Georg Gadamer, quando busca desenvolver reflexões associadas ao domínio epistemológico; Delio Cantimori, que o inspirou à realização de uma leitura lenta e detalhada para capturar sentidos dos textos, associada à erudição; Marc Bloch, que o instigou a buscar temas marginais para refletir sobre problemas amplos, respeitar a alteridade nos discursos das fontes e reconhecer a incompletude do conhecimento histórico; Frederico Chabod, um historiador que trabalhava com documentos interpretando-os e buscando os possíveis sentidos; Fernand Saussure, Roman Jakobson e Mikail Bakhtin, os dois primeiros, por possibilitarem perceber permanências na linguagem, e o terceiro, por colaborar para entender as lutas simbólicas entre grupos sociais distintos, bem como as apropriações construídas pelos indivíduos por meio da circularidade



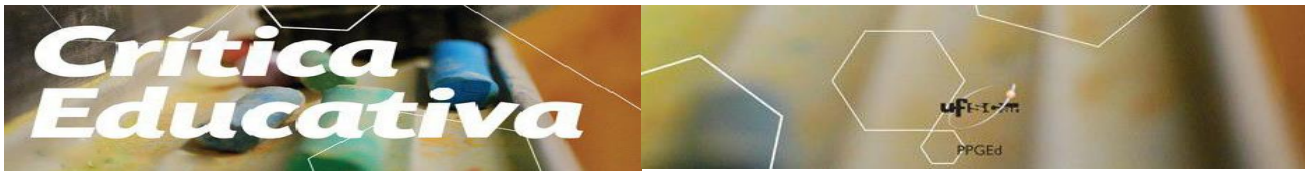
cultural; e Sigmund Freud, que por meio de seus estudos de caso buscava enfrentar a verdade e a tensão entre o racional e o irracional.

É importante destacar também Arthur Conan Doyle, que inspirou o paradigma indiciário, por basear-se em toda a investigação dos crimes, presentes em suas obras literárias, na captura de indícios imperceptíveis, de vestígios, de rastros, de pequenas pistas que reunidas possibilitariam a reconstrução do fato que motivou o crime. De Sigmund Freud e da psicologia moderna, o paradigma indiciário busca a observação dos pequenos gestos inconscientes que revelam o caráter mais do que qualquer atitude formal, a atenção ao detalhe secundário, às particularidades insignificantes, ao refugio da observação para, assim, penetrar nas coisas concretas ou ocultas.

As leituras de Morelli, Doyle e de Freud inspiraram um método interpretativo centrado sobre resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores, mas sem importância para a pesquisa em geral. Na verdade, os detalhes e os dados considerados marginais são a perspectiva reveladora para o paradigma indiciário, pois acontecem quando não há controle da tradição, são os traços que escapam sem controle, como pode ser observado no diálogo com o trabalho de Dayse Fontenelle.

Fontenelle (2018) apresenta sua pesquisa como uma composição de cacos imagéticos ao longo da qual há desdobramentos nas conduções do cotidiano que saltam aos olhos em seu espaço de trabalho. Vale ressaltar que, embora o trabalho em questão tenha este viés das imagens, a logo construída com várias fotografias da escola passou por vários momentos de revisão no momento da entrega final da dissertação. Isso também nos dá um indício de que por mais que tenhamos uma abordagem neste sentido de escritas com outras estéticas, a própria academia ainda busca um processo de homogeneizar, o que coloca os nossos trabalhos de pesquisas em um patamar experiencial ao propor para a academia que se desloque para olhares outros, incorporando novas formas de narrar a pesquisa.

Outro movimento de pesquisa do grupo que pode ser observado no diálogo com o paradigma indiciário está contido na dissertação de Rodrigo Santana (2018). Em sua busca por *espaçostempos* mobilizadores para trocas de experiências no interior escolar, o autor (re)constrói os rastros presentes na escola municipal em São Gonçalo, nomeada em homenagem à professora Maria Estephania Mello de Carvalho. Com os rastros que partem da memória da educadora, Santana evidencia o processo no campo da educação:



Parte desse trabalho vem de inspiração da obra de Ginzburg (1991), em que de forma pioneira assumiu uma posição epistemológica diferenciada, ao incluir literatura e outras condutas investigativas em seus trabalhos. Ressaltamos que não queremos negligenciar os avanços científicos que os métodos de pesquisas promovem até então, mas procuramos outra forma, também pertinente, de encontrar pistas, sinais e caminhos para fazer ciência (SANTANA, 2018, p. 25).

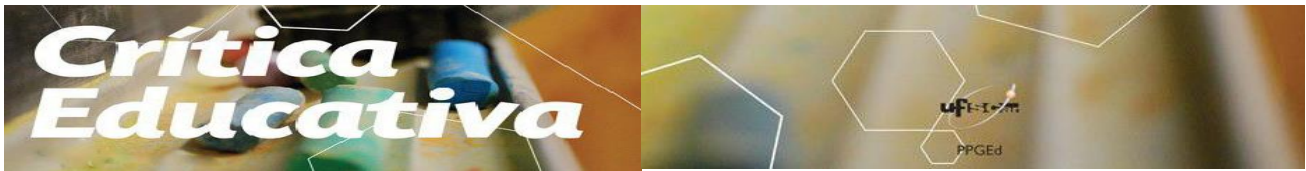
Foi justamente a centralidade no estudo das particularidades desenvolvido por Carlo Ginzburg que descortinou as trocas e transformações culturais, num relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movem de baixo para cima (cultura subalterna), bem como de cima para baixo (cultura hegemônica). Nesse sentido, a escala de análise reduz ao singular para identificar uma realidade social ampla. Para isso, a utilização de regras mudas, sem formalização, uso do faro e da intuição do pesquisador são fundamentais.

Assim, Ginzburg nos ajuda a pensar os indícios e vestígios deixados em nossas pesquisas, em diálogo com o campo, com referências, e propõe, como o autor evidencia, a interpretação dos rastros para se desenhar as pesquisas, como vamos observar no próximo e último tópico deste exercício interpretativo.

Dos fios que nos tecem: as articulações com nossos autores-amigos na construção das pesquisas

No âmbito de construção das pesquisas no interior do grupo interinstitucional de *pesquisaformação* Polifonia, observamos uma multiplicidade de possibilidades de diálogos com os autores supracitados. A variedade de interpretações possíveis em diálogo com as pesquisas relaciona-se com o tom pessoal que cada *autorpesquisador* assume ao movimentar sua investigação. De modo mais amplo, observamos que cada um de nós adota o sentido *teoricometodológico* que nos ajuda a olhar melhor e com mais profundidade nossas questões de pesquisa, entendendo que esta tessitura não é neutra, exige rigorosidade e compromisso ético com os outros que compõem essas narrativas textualizadas e presentes no mundo do texto de nossos trabalhos acadêmicos.

Em uma visão ricoeuriana, podemos dizer que os modos com que adotamos a linguagem escrita em nossos trabalhos acadêmicos dialogam com as metáforas que vamos assumindo, também, como narradores e, por isso, narrativamente, para dizer como fazemos nossas pesquisas. Entretanto, outro sentido vem ganhando, cada vez mais, espaço em nossas discussões no que tange a adoção de acompanhantes teóricos, nossos autores-amigos. Estamos cada vez mais dialogando com o Sul, em

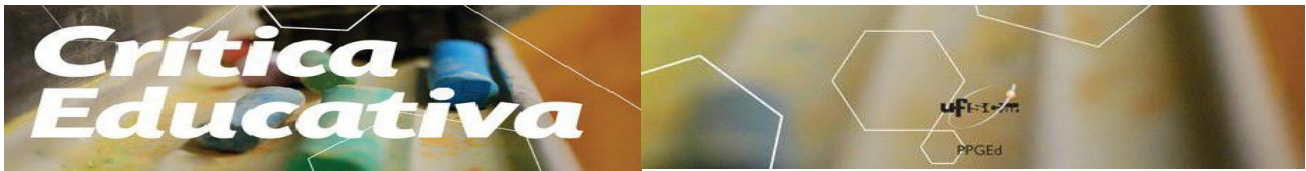


especial com a obra freireana, que sempre esteve presente em nossos escritos e que segue nos inspirando. Outro diálogo se dá com as vozes de mulheres e de pesquisadores/as brasileiras. Um exemplo palpável é o trabalho da professora Juliana Vieira na composição de cartas e, também, o trabalho da professora Mariza Soares, que adota a metáfora de caminhar como o sentido da pesquisa. Por fim, em especial diálogo com a literatura brasileira, temos a figura da mulher presente na obra de Clarice Lispector em várias de nossas pesquisas.

Dessas várias composições que dão o tom ao Polifonia, podemos dizer que existe uma nova viragem paradigmática (NÓVOA, 1992) no interior do próprio grupo que se questiona quanto aos percursos adotados e se expande, não só no diálogo com outros grupos de pesquisa – Ciência, Docência e Cultura (CDC/UFF); Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de Si (LapenSi) (UFMG) e Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN) (UFSCar) – mas também nos modos de dizer com o outro de maneira horizontal.

Esse modo de dizer para outro com o desejo de tocá-lo através da linguagem assume uma forma de metáfora. Em *A Metáfora Viva* (RICOEUR, 2000), é possível compreender que a linguagem e a semântica não dão conta de explicar nossas questões de investigação, e nesta díade entre compreender/explicar, para si e para o outro, como vamos ao encontro de nossas pesquisas ao longo de nossa vida, adotamos várias metáforas para que, de forma estética e poética, possamos dizer com outras formas de narrar os trabalhos acadêmicos.

Ricoeur (2000) chama este constructo presente na metáfora de o sentido da semelhança e da referência. Quando assemelhamos nossas pesquisas a jardins, no caso de Camila Rosa (2020) e Liliam Ricarte (2020), fazemos o leitor se transpor imagetivamente às suas vivências nestes espaços. Só falar de uma experiência não traz o sentido do indivíduo que vive, também, aquele espaço. Ao falar do jardim, nos referimos às experiências que nós como pessoas vivemos naquele *espaçotempo* da metáfora, e dessa forma a narrativa é sentida, através das memórias presentes no sujeito que já enveredou por jardins ao longo das várias infâncias que o compõem. Este paradigma interpretativo, que reelabora o próprio sentido dos espaços que compõem a narrativa como um espaço em comum, relaciona-se a uma estética outra. Esta busca não só os vestígios das pesquisas, mas os vestígios existentes em nós.



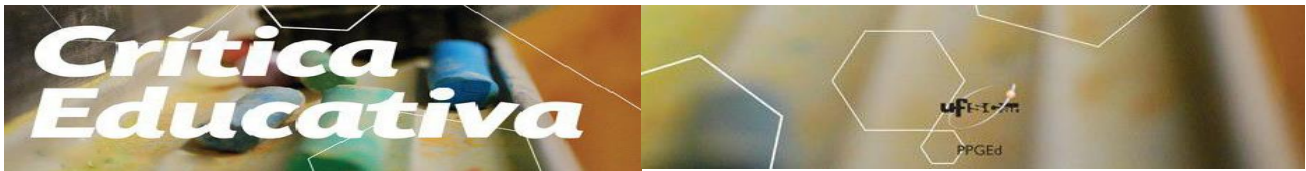
Podemos observar este exercício presente nas pesquisas das *professoraspesquisadoras*: Dayse, com a composição da escrita no sentido dos cacos que compõem sua pesquisa de dissertação (2018) e Juliana Alvarenga, com Atos presentes nos desdobramentos de sua pesquisa da dissertação (2017). Mas, também, presente nas pesquisas em andamento na forma rizomática com que a docência vai tomando seus meandros sobre o olhar de Joelson Moraes (2020) e em forma de mar, e mares, presente na escrita da Ana Luiza Tayar (2020). Esta forma de escrita metafórica, de não neutralidade, abraça não só os leitores como também o próprio pesquisador que se provoca a pensar nos rastros presentes na cultura desses elementos que os ajudam a conversar com suas questões mobilizadoras.

Os modos que nos narramos são muito diversos porque nós também somos diversos. Essa diversidade não está fora da academia, está em nós. E tornam-se cada vez mais fortes as formas de alteridade presente em nós, como signo de nosso olhar, tecido no mundo do texto. As obras não só dos grupos que nos abrigam como coletivo interinstitucional, o Vozes da Educação e o GEPEC, mas de tantos outros coletivos que fazem da narrativa uma forma de não esquecer os passados camuflados como uma pasta homogênea chamada: “escola”. O que as narrativas e nossas pesquisas nos mostram como produtores e como autores de novas formas de fazer pesquisa é que estão contidos, nas pesquisas de fontes narrativas, os mundos que habitam as escolas, no sentido plural e coletivo da experiência escolar. Para além, nossos escritos com viés político não deixam os documentos serem monumentos da barbárie. Estamos atentos ao que nos faz refletir Benjamin (1994b): “O dom de despertar do passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (pp. 225-226). É nesse sentido, e pelos muitos nós que habitam a nossa singularidade, que resistimos através das narrativas de vida e formação, para olharmos e esperançarmos por *temposespaços* outros.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BARREIRO, Cristhianny Bento; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo (org.). **A nova aventura (auto)biográfica**. Tomo I [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.



ALVARENGA, Juliana Godói de Miranda Perez. **Narrativas-Formadoras na Escola de Tempo Integral de Itaboraí: formação docente no período extraclasse.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2017.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim G. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação.** Trad. Sidney Barbosa. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 168-199.

BANKS-LEITE, Luci; MADUREIRA, José Rafael. Jaques-Dalcroze: música e educação. **Pro-Posições**, Campinas, v.21, n.1 (61), p. 215-218, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/CNJGrbxWZ6fbssL7C58H6cw/?lang=pt#ModalDownloads>. Acesso em: 08 de novembro de 2021.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura.** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas – o lírico Baudelaire.** São Paulo: Brasiliense, 1994b.

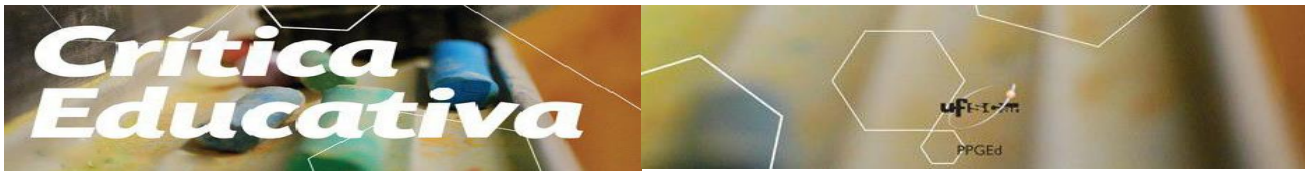
BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão.** 2ª ed. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias.** São Paulo: Hedra, 2018.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Pesquisaformação: narrativas (auto)biográficas – trajetórias e tessituras teórico-metodológicas.* In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; VILLAS-BÔAS, Lúcia; CUNHA, Jorge Luiz da (orgs.) **Pesquisa (Auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos.** Curitiba: CRV, 2018. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica, Modalidades, Incertezas e Refigurações Identitárias, v. 1). p. 65-81.

BRAGANÇA, Inês Ferreira Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus. **Memoriais, pesquisaformação e modos outros de escrita acadêmica.** São Carlos: Pedro & João Editores. 2020. 318p.

FIAMINGHI, L. H. O violino violado: o entremear das vozes esquecidas... **Per Musi**, Belo Horizonte, n.20, p.16-21, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pm/a/GMFWDN7qpdBpB4ZVytLkPGK/?lang=pt#ModalDownloads>. Acesso em: 08 de novembro de 2021.



FONTENELLE, Dayse Gonçalves. **Narrativas sobre a implantação da jornada ampliada na Escola Municipal Antinéia Silveira Miranda: movimentos de transformação.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2018.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, tempo e História: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. In: **Cadernos CEOM**, n.28, Chapecó, SC: Unochapecó, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Cia. Das Letras, SP, 1989.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-história e outros ensaios.** Difel, Lisboa, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro.** Cia das Letras, SP, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, Ana Luiza Tayar. Trilhando caminhos: o caderno, o olhar, as escolhas e a *pesquisaformação*. In: BRAGANÇA, I. F. S. B.; SANTANA, R. J. **Memoriais, pesquisaformação e modos outros de escrita acadêmica.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p.35-52.

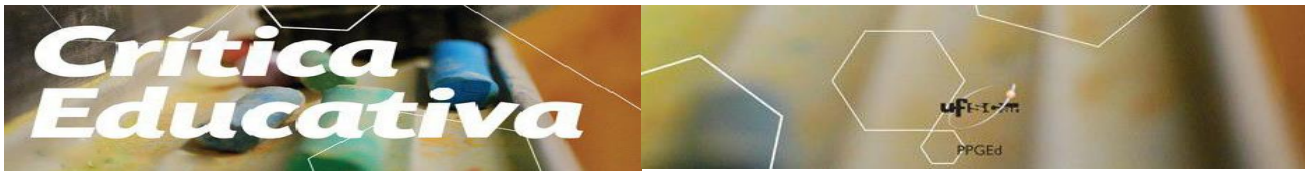
MADUREIRA, José Rafael; BANKS-LEITE, Luci. Jaques-Dalcroze: música e educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 215-218, jan./abr. 2010.

MORAIS, Joelson de Souza. Dos meus itinerários formativos ao memorial de formação: viagens ao passado. In: BRAGANÇA, I. F. S. B.; SANTANA, R. J. **Memoriais, pesquisaformação e modos outros de escrita acadêmica.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, p. 131-154,

MOTTA, Thais da Costa. **A formação continuada e a dimensão formativa do cotidiano: narrativas de encontros entre professoras e crianças na Educação Infantil em Itaboraí.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2019.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e formação docente. In.: NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação.** Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

OLIVEIRA, L. R. de. **“Me ajuda a olhar”:** narrativas e experiências de uma professora de educação infantil em (trans)formação com a escrita. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.



PINEAU, Gaston. Emergência de um paradigma antropofomador de pesquisa-ação/ formação transdisciplinar. **Saúde Soc.**, v. 14, n. 3, p. 102-110, dez 2005. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sausoc/2005.v14n3/102-110/#>. Acesso em: 15 dez. 2019.

PAZIANI, R. R.; NETO, H. P. Linguagem posta à prova pelo tempo: Carlo Ginzburg e suas contribuições para a história da educação. **História e Educação (on-line)**, Porto Alegre, v.22, n.55, maio/ago 2018, p.314-333.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**: rumo a novos sincronizadores. São Paulo: Triom, 2003.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 125, p. 299-310, jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/btwDLWPTTFNkJ4h3N5GwSzp/?lang=pt> Acesso em: 15 fev. 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: A intriga e a narrativa histórica. Vol. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. Vol. 2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: o tempo narrado. Vol. 3. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. MACEDO, Dion Davi (Trad.) 1ª ed. Edições LOYOLA: São Paulo, 2000.

ROSA, Camila Petrucci Santos. Minha *pesquisaformação* é um quintal maior que mundo. In.: BRAGANÇA, I. F. S. B.; SANTANA, R. J. **Memoriais, pesquisaformação e modos outros de escrita acadêmica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, p.53-66.

SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus. **Pesquisa-formação no Colégio Municipal Estephania de Carvalho**: entrelaçando narrativas, experiências e (trans)formações. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2018.

VARANI, Adriana. **Da constituição do trabalho docente coletivo**: re-existência docente na descontinuidade das políticas educacionais. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2005.

VIEIRA, Juliana. Cartas rememoradas e outros fragmentos de uma narrativa (auto)biográfica em educação. In.: BRAGANÇA, I. F. S. B.; SANTANA, R. J. **Memoriais, pesquisaformação e modos outros de escrita acadêmica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, p.173 -192.

Crítica Educativa (Sorocaba/SP), v. 8, N.2, 2022, p. 1-18 – Dossiê Modos de Narrar a Vida
Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br>